

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 2 DE ABRIL DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 418

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	J. DO EGYPTO.
Historia dos sete dias.....	Y. MAGALHÃES.
Martinho Campos.....	C. C. BRANCO.
A minha infancia.....	R. CORREIA.
Respigas de ouro.....	U. DUARTE.
Lendo e «Telemaco», poesia.....	OLAVO OLIVEIRA.
A religião do outro.....	J. RIBEIRO.
A vida viajante, poesia.....	C. C. BRANCO.
Notas philologicas.....	E. MONTSIRO.
Madrigal senil, poesia.....	PACHECO JUNIOR.
Caras de Lisboa.....	Y.
Rabiscas philologicas.....	J. M. SILVA.
Notas bibliographicas.....	BIBIANO.
Atlante, soneto.....	S.
Cifra das guacas.....	LONGNON.
Jornas e revistas.....	P. TALMA.
Festas, balles e concertos	
Theatros.....	
Factos e Noticias.....	
Correio da Gerencia.....	
Recemos.....	
Anuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÓRTE	
Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

Parto hoje para Santos, o d'ahi a percorrer a provincia de S. Paulo, o Sr. Francisco Fonseca, nosso agente nomeado para a referida provincia, encarregado de cobrar e angariar assignaturas.

Aos nossos correspondentes o amigos em S. Paulo rogamos a fineza do prestarem áquelle nosso agente o auxilio e informações de que elle careça para o bom exito da sua commissão pelo que nos confossamos, desde já, sumamente gratos.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contas*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.
— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gill, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.
— *Pampalos*, versos, de Rodrigo Octavio.
— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.
A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:
— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.
— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 88, 89, 90, 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Toda a semana foi occupada quasi exclusivamente pelo naufragio do vapor *Bahia*, que, abalroado desastrosa, quasi inexplicavelmente, pelo vapor *Pirapama*, se submergiu em menos de dez minutos, causando a morte de um grande numero—ainda não precisado—de passageiros e tripolantes.

Não me demorei a uarrar o doloroso espanto, a immensa magua e a profunda lastima que tão horrivel desgraça espalharam em toda a população e entre as familias e amigos dos que se sabia terem tomado passagem naquelle vapor ou dos que nelle eram esperados.

Mui difficilmente conseguia esboçar quadro tão negro e pungente, e com isso viria somente augmentar a afflicção aos afflictos.

Segundo os ultimos telegrammas recebidos pela *Gazeta de Noticias*, o numero de passageiros que embarcaram no *Bahia*, em diversos portos, foi o seguinte:

Belém 25, Maranhão 71, Ceará 31, Natal 15, Parahyba 15: ao todo 156 pessoas, que com 60 de tripolação eleva o numero dos naufragos a 216, sem contar muitos soldados que viuhau sem bilhete.

Até agora estão salvos 111 e infelizmente não ha esperanças de que hajam escapado outros.

E' calculado pois em 105 o numero das victimas.

Sobre o commandante do *Pirapama* pesa tremenda responsabilidade naquelle desastre. Dado o abalramento,

por culpa só d'aquelle vapor, pois o *Bahia* ia navegando devidamente, proseguio o *Pirapama* a sua rota, sem prostrar o minimo soccorro ao *Bahia*, sem mesmo indagar se este soffrera alguma avaria.

Abrlo-se inquerito sobre o facto em Pernambuco, e já foi inquirido o commandante, mas até agora não consta que se houvesse conseguido esclarecer esse gravissimo puncto.

Do commandante do *Bahia*, o sympathico e estimadissimo capitão Isaac—era aquella n ultima viagem que elle pretendia fazer e foi-lhe a derradeira!—não ha noticia alguma tranquillizadora. E' certo que seu cadaver não foi reconhecido entre os muitos que já foram encontrados; mas tambem não consta que houvesse o infeliz capitão escapado do naufragio.

Tristissimo acontecimento que deixará de si dolorosa recordação durante muitos annos.

Falemos de cousas menos lacrymiferas. Do feliz regresso do nosso amado bispo diocesano, por exemplo. S. Ex. Revma. dignou-se, finalmente, de abandonar o doce aconchego das azas do Espirito Santo (provincia) para vir inundar de puro jubilo as almas das suas fieis e saudosissimas ovelhas, das quaes tem a honra de ser a mais humilde e que estas linbas vae traçando.

Foi festa e grande cá na sédo do bispado, que da palavra de S. E. tinha séde e fome da sua beçam.

A padaria em peso, com o illustrado vigario geral á frente, salesianos, amigos seculares e batizados, *reporters*, beatos e beatas, todas as *baratas* e... *baratos* do morro do Castello foram ao encontro do amado bispo e que, apesar de ter feito lá pelas plagas espirito-santenses mais de duzentos sermões—ou talvez por isso mesmo—voltou com a sua *catholica* em perfeita saúde.

Houve bonrarias militares, fogueitaria em *magna quantitate*, musica, vivorio, ladeira da Conceição atapetada, engrinaldada, embandeirada, de baixo acima, e depois *Te-Deum* e canticos de meninas; enfim, o diabol Perdão, mil perdões! Enfim— todos os santos!—era o que em queria dizer. Senti não ter podido comparecer, mas S. Ex. ba de me justificar a falta que foi cansada por força maior. Mas, apesar de todos esses brilhantismos, essa justa manifestação de apreço e regosijo foi, a men ver, incompleta: não teve retrato a oleo nem copo d'agua!

Em compensação, S. Ex. distribuiu beçams em larga quantidade; o que, incontestavelmente, é um meio de agradecer muito mais original, mais proveitoso e... mais barato.

Saudando S. Ex. Revma. ergu com os leitores ferventes graças aos céus pelo seu feliz regresso e pela ventura

que nos concederam de já nos polermos queixar— ao bispo.

O encerrmento da ultima matricula de escravos no dia 30 do passado devter produzido vivo contentamento em todos os que sinceramente almejam ver extincta a escravidão em nossa patria.

O numero de escravos que foram matriculados na escrebedoria da capital do imperio foi de 7491, tendo sido de 47,329 o dos que foram arrolados pela matricula da lei de 28 Setembro de 1871. Houve, portanto, uma differença, em favor da Liberdade, de 39,761 individuos.

O numero das omnições de matricula é calculado em 16,000.

Dezesseis mil escravizados reivindicaram os seus foros de homens, voltaram á Liberdade por espontanea desistencia de seus *senhores*.

Prova eloquentemente este facto que no espirito da nossa população a causa abolicionista é uma causa vencedora e que já se não pôde dizer que o Governo, oppondo-lhe obices e barreiras, consulta e satisfaz a opinião do paiz.

Este conceito mais se confirma com as noticias vindas de varias provincias, dando conta de grande numero de desistencias.

Honra aos nossos generosos concidadãos que, de um modo tão alto, tão brioso, tão digno de applausos, estão dizen lo ao Sr. barão de Cotegipe: —O governo deve e pôde fazer a Abolição. *Queira faz-la e far-se-á*. Nós estamos promptos.

Oxalá ouça o governo esta declaração do paiz inteiro, que só os surdos de consciencia deixaram de ouvir.

E por falar em escravidão e escravizados, vou commetter a louvavel indiscrição de contar que, ba alguns dias, ha sarilho no Olympo.

O governo quer passar o Sr. desembargador Coelho Bastos da cadeia de chefe de policia para a poltrona de presidente da Relação da Corte e o Sr. Dr. Guamão, da sna cadeirinha de 3º delegado para a cadeira de chefe de policia.

Ora o Sr. ministro da justiça, apresentando essa proposta, teve o desgosto de ver mexer-se o lapis fatilico nos dedos do imperial convalescente no sentido de lhe significar: — *Pois não fostes' ou Não ha pão duro*, ou ainda: *Não estou em casa*.

S. M. concorda com a segunda parte do desejo do ministerio, mas recusa-se peremptoriamente á primeira, segundo consta.

Ainda ante-hontem voltou o Sr. Joaquim Delfino a Petropolis para matar o sagrado bicho do divino ouvido de Sua Magestade, para o fim de, morto o bicho, assignar Sua Magestade os respectivos decretos.

Se é a verdade esse boato, que tem

circulando com insistencia, digno-se Sua Magestade do aportar estes ossos. Assim, mais um ponco...

O Imperador, negando ao Sr. Coelho Bastos a cadeira de presidente da Relação, não fará mais do que mostrar que é um homem coborcente com os seus netos e com as suas palavras.

Explico-me. O Sr. Coelho Bastos na chefia de policia tem-se celebrado pelos relevantes serviços que tem feito aos fazendeiros, prestando-se gentilmente e emprestando a sua gente para prender lhes os negros fugidos. Tem sido um admiravel capitão do matto, uma mistura de Figaro e Javert ao serviço do *bacalhau* de Macuco, Saquarema e Cantagallo. De outros serviços de S. Ex. não me veio até hoje noticia — a não ser de ter empregado na policia os capoeiras e *vermelhinheiros* em disponibilidade.

Ora, S. M. na sua ultima excursão por S. Paulo, mostrou francamente, indignadamente, o desgosto e o profundo desagrado que lhe causava ver as cadeias cheias de escravos fugidos e as auctoridades policiaes a bater matto para agarrar quilombólas. Declarou alto e bom som — perdão: alto somente — que tudo naquillo é uma illegalidade e uma vergonha.

Não pode, portanto, agora S. M. agraciar o Sr. dezembargador Coultio Bastos com a poltrona de presidente da Relação da Corte e com o respectivo titulo de conselho, unicamente porque S. Ex. fez aqui, em maior escala e com escandalo maior, os mesmos abusos e as mesmas violencias que S. J. M. reprovo em S. Paulo com vivo desprazer e manifesta indignação.

Ceder ao ministerio em tal pedido fora dar-lhe uma prova tal de obediencia e de fraqueza que, se a desse, eu sorria o primeiro a bradar aos quatro ventos que o *poder pessoal* do Imperador não passa, actualmente, de um inoffensivo carapetao, com que o partido politico que anda ás ostras faz guerra ao que tem nas mãos a faca e o queijo do Poder.

Não obstante, não serei em quem duvide de que o Sr. Cotegipe leve a sua ou melhor: leve o seu... protegido ávante: S. M. gosta muito de escrever direito por linhas tortas e parece cada vez mais querer ter na Historia a antonomasia de Pedro II, o *Indecifrável*.

Mas as sanctas alminhas têm um vin-tém, que lhes dou eu, se d'esta vez a decifração da imperial charada for desfavoravel á endeusação do Sr. dezembargador Coelho Bastos.

JOSE DO EGYPTO.

MARTINHO CAMPOS

Ha individualidades em nossa politica de *magica*, que pelo muito amor ás causas a que se dedicam, e pela rigidez inabalavel do carcter, alliada ao desinteresse, transpõem as raias da vulgaridade e tornam-se politicos verdadeiramente dignos d'essa honra e vêm os seus nomes ornados de uma aureola de respeito e de *sympathia popular*.

O senador Martinho Campos, fallecido a 2.^o do passado, em Cazambit, era uma d'essas individualidades. O illustre finado, senhor de um talento masculino e poderoso, conhecendo profundamente a complicada engrenagem da nossa machina parlamentar, manteve-se em uma atmospheria de prestigio, donde

vibrava com invejavel pericia os raios do seu sarcasmo, que, em sorriso mnlcioso, lhe borboleteava continuamente pelos labios, o ia ferir certo os seus adversarios nas luctas travadas, especialmente em nome da santa causa da abolição dos escravos, contra a qual sempre se ergueu, energica e potente, a sua palavra, que por vezes tinha o rugido da raiva que elle disfarçava em ironia, e raramente a suavidade de um canto de ave.

Foi elle o mais terrivel antagonista da grande causa; para fazel-a recuar, surprehendel-a e immobilisal-a não lhe faltaram ardis, botes o armadilhas. De tudo lançou elle mão o desassombradamente, como um verdadeiro e fervoroso apostolo do esclavagismo.

Nesta posição muitos odios, doestos e imprecações expludiram ante a sua athletica figura, como devastadoras bombas. Nada o surprehedia neste terreno! Elle conhecia perfeitamente os perigos e ameaças d'aquellas nuvens, que se condensavam á proporção que vibrava a sua palavra, e sabia a força das tempestades que traziam em seu bojo, para, quando dellas saltasse alguma faisca, desvial-a de si, isolando-a. Era terrível!

Enjaulado na sua idéia de trevu, como em armadura de ferro, nunca sahio d'ella para respirar sequer um pouco do ar puro das generosas idéias contemporaneas e ver a luz que irradiava da frente daquelles que combatiam a bem da Abolição.

Em nosso ver o senador Martinho Campos foi um martyr inconsciente do esclavagismo. Empolgou-o esta terrivel peste negra. Intucio-lhe todo o seu mal, unctuo-o com a sua baba peçonhenta, entranhou-lhe o veneno pelos poros, derramou-o per todo o seu organismo de homem superior e cogou-o a tal ponto que elle não podia comprehender que se desse mais um passo além da Lei de 28 de Setembro e, esquecendo até o amor que todos temos ao pedaço de terra em que vimos a luz pela primeira vez, elle entendia que o Brazil poderia se apresentar ante as nações civilisadas supportando a carga de lodo da escravidão.

Tristissimo!

Quando mais tarde, em tempos que hão de vir, fizer-se o inventario da nossa época, o nome do senador Martinho Campos será envolvido na noute espessa do esquecimento e ninguem o repetirá com estima, como repetidos serão os dos que têm trabalhado para o bem e progresso d'esta patria. No entanto poderia sel-o! Quem se destaca e consegue ser temido na defeza de uma causa infamante e vexatoria como a da escravidão, dá sobejas provas do quilate da sua intellectualidade e de seu grande valor como politico.

Não se deixasse o senador Martinho Campos empolgar pelo esclavagismo e se puzesse á frente da causa da Abolição, que outro seria elle na historia politica do nosso paiz, e a sancta causa talvez tivesse, como uma avalanche de luz, levado de vencida as hostes escravocratas.

Pena foi que todo o seu talento, de-

dicação e sacrificios se escoassem para um nhyismo do trovas. A patria precisavn d'elle para as causas do Bem e do Futuro o não como representante genuino de uma herança malfadada e pesadissima.

Esta é a verdade.

E hoje, que elle ultrapassou os limites da vida, não deixando mais que a saudade do seu vulto no nosso parlamento, curvamo-nos respeitosamente ante a sua memoria, e ahí ficam estas nossas palavras como uma homenagem aos seus talentos o ás suas qualidades de homem politico e privado e imparcial apreciação do seu papel no debate da mais grave e momentosa das nossas questões sociaes e politicas.

A MINHA INFANCIA

AO DR. FERREIRA DE ARAUJO

Ante-hontem um dos mais conhecidos jornalistas da imprensa da Corte, em represalia de umas pilherias que lhe fiz, em represalia tambem de outras que anteriormente me fizera, escreveu que assim como um naturalista com o auxilio apenas de um osso recompõe todo o animal a que elle pertenceu, assim elle por uma phrase minha podia induzir qual tinha sido a minha infancia, e concluiu que eu fora educado nos arredores do Arco do Telles, sapatos acalcanhados, roupa coberta de nódoas, charutinho de canella ao canto da bocca, aprendendo dictionarios torpes em *fréges* etc.

Não me offendeu aquillo porque demonstrava a mais lamentavel das fraquezas, o desespero da raiva. Respon-di-lhe, pois, como devia, pelo *Diario de Noticias*, tirando todo o partido possivel d'aquelle confissão implicita de que só em tal terreno e com taes armas poderia dar-me combate.

Aproveitei-me do estado descomposto em que o puzeram o despeito e a ira, para divertir com elle os leitores. Dei-lhe, rindo e fazendo rir, uma lição de delicadesa e cavalheirismo, e não pensei mais nisso.

Alguem houve, no entanto, a quem a cruel leviandade do meu adversario não fez rir. Esse alguem seria minha mãe ou meu pae, se eu por ventura tivesse a fortuna de ter ao menos um d'elles ainda vivo. Quem não se rio d'aquillo, como eu, foram duas mulheres, as duas senhoras que substituíram minha mãe.

Uma é aquella a quem dediquei o meu poemeto *Colombo e Nenê*; é uma irmã de minha mãe. Do sonetillo com que lhe offereci aquelle livro dizem assim os dois primeiros quartetos:

« E' vosso este livrinho;
« Veio de vós, senhora,
« O maternal carinho
« Do meu viver na aurora.

« — Estrella em meu caminho,
« Se o vosso amor não fóra,
« Na plaga enganadora
« Perdera-me sosinho...

A outra é uma singela mulher portuguesa, plebéa, ignorante, analphabeta, mas boa, angelica, adoravel como... Sei en, por ventura, do alguem, no céu ou na terra, com quem possa comparal-a?!...

A esta offereci o meu ultimo livro, os *Vinte Contos*, com estas palavras, que dizem tudo:

« A' humilde e bondosissima mulher com quem contrahi na minha infancia

uma divida de gratidão quo não pagarei nunca, porque ha dividas que se não podem pagar. »

Na tarefa sagrada o difficil de me educar collaboraram tambem meu avó, — a representação mais nobre e mais augusta do Trabalho e da Honra, meu avó, que se chamava Domingos Alves Meira, — nome que escrevo de pé, — meu pae, que, residindo fóra da Corte, apenas me conservavn em sun companhia nas ferias escolares ou quando a minha saúde pedia os ares francos e puros do interior, — e tres irmãos de minha mãe, a um dos quaes, dos tres ao quo mais devo, dediquei o meu livro *Quatro Contos* com estas palavras: « A meu tio, o Dr. João Alves Meira, meu amigo, meu mestre e meu compnheiro. »

Ora, aconteceu que aquellas duas senhoras acreditam, e com razão, que a modesta mas honrosa e digna posição quo tenho na sociedade é obra sua, que a estima e o respeito com que sou honrado hoje, que vivo do meu trabalho, que sou esposo e pae, que carrego, além das responsabilidades de homem privado, as de homem publico como jornalista, advogado e professor, são fructos da educação que me deram.

Compreende-se agora que ollas se sentissem feridas cruelmente no coração, sabendo que havia alguem que accusava a quem me educára — de não haver impedido que, com as orelhas de asno, crescessem em mim os máus instintos de *ginga*, de me haver dado um passado muito *tamano*. Ellas foram minhas mães, — pois que a minha se duplicara, morrendo — e ainda me consideram seu filho. Como haviam ellas, coitadas, de ler e de ouvir ler aquillo rindo — como eu?

Felizmente ellas ignoram que taes insultos são das boas praticas do jornalismo adiantado, e que, afinal, provam tanto de mal quanto os elogios — de bem. Cousas para distrahir os leitores e que não dão nem tiram... Não entendem nada d'este theatro de *caixa* immunda — o jornalismo.

D'ahi o terem passado um máu quarto de hora. Soube que aquillo as fizera chorar. Talvez nté que, na cega e bendita crença na vida de além-tumulo, chegassem a ouvir os gemidos daquelles que me deram a vida e que fecharam os olhos na tranquilla confiança de que nunca ninguem *diria* de seu filho aquillo que um grande jornalista, pae de familia, que ainda tem a ventura ineffavel de ter mãe — veneranda senhora que se revê com orgulho em seu filho, — escreveu cruelmente, gotosamente.

Ellas sabiam que ninguem o acreditaria... Mas viram erguer-se mão brutal e maligna para destruir a sua obra d'ellas, para apagar, borrando-o, o seu querido trophéu de glorias obscuras, e por isso mesmo maiores, mais respeitaveis, e doeu-lhes n'alma o golpe... Viram-se despojadas, roubadas, em minutos, da fortuna que lhes custára noites sem conto de inquietações e cuidados, annos de trabalho e seculos de angustia!

Hoje, que se julgavam quites para com os nossos dois mortos idolatrados: quando de ha muito lhes havim dito: « Eis o que fizemos de vosso filho. Estaes contentes? » e haviam ouvido no fundo de suas consciencias um *Sim* consolador, suave e doce como um beijo santo; hoje que repousavam da sua tarefa cumprida, hoje é que lhes surge inopinadamente um homem — em quem não podem reconhecer um juiz, — para dizer-lhes:

— Não soubestes fazer d'aquella cri-

ança um homem. Fizestes d'ella um ginga. Destes-lhe uma educação de Arco da Telles, de cozinha e de *fregue-macsa!* Ah! comprehende-se bem que não tivessem vontade de rir!

Eu bem quizera evitar escrever esta pagina de auto — biographia. Hesitei durante longo tempo se deveria escrevel-a; mas duas considerações resolveram-me:

Quiz que o publico que leu a vorrina diffamatoria em que fui apresentado como um homem cuja meninice não teve lar e correu ás soltas naa ruas e nas praças, soubesse o quanto vive cheio o meu coração de reconhecimento e de amor por aquelles que me deram a educação mais carinhosa, mais severa e mais pura que se possa dar. E quiz tambem que o máu homem que ousou atirar lama ao meu passado e tentou deshonrar a minha infancia, visse e reconhecesse como se pode ser injusto e cruel sendo-se vingativo o leviano: aquelle punhado de lama, com que intenteu mascarar-me ridiculamente no conceito publico, foi macular a alvura de dois tumulos sagrados, nodando ns saudades que em torno d'elles continuamente florescem, e foi salpicar sacrilegamente as cabeças de dois aijos, inclindas, hoje, sobre o meu futuro, como outr'ora sobre o meu berço.

D'elles porém nada tem a receiar—so alguma cousa no mundo recieciarpu-dosse: — as mães perdoam sempre.

29—3—87.

VALENTIM MAGALHÃES.

RESPIGAS DE OURO

A paciencia é a riqueza dos infelizes.

Portugal é o paiz da papellada e dos papellões.

(temem os prèlos, gemo o paiz, gemo o senso commum, gemo tudo!

O petroleo é um oleo mineral com que se está fazendo a segunda luz do genero humano.

Um homem de bem, quando é calumniado e mortalmente ferido na sua honra, justifica-se perante os seus concidadãos: não desafia o diffamador; porque, se o mata, a diffamação sobrevive; e, se morrer, morre manchado.

Os desgraçados nunca se justificam bem.

A desgraça é uma palavra convencional e proporcionada ao genio de cada sujeito:

Um marido sabe que é trahido, e mata; outro marido sabe que é trahido, e janta.

A corrupção não está nos dramas: está na atmosphera.

Tudo o que é possível tem acontecido, visto que a fantasia não pode ser mais inventiva que a natureza.

Toda a gente vê, por mais que lhe condensem as trévas ao redor do espirito. A luz do paiz brilha nas mais escuras alcovas. Os romances uada ensinam bom nem máu. Os livros per-versos é a sociedade que os ensina aos romancistas, não são os romancistas que os inventam para darem á sociedade noticia de crimes inauditos.

Medicina homeopathica — um meio de vida que, sobre dispensar os fados do tirocinio e dos exames, é, de mais a mais, innocentissimo, quando a agna não é pantanosa.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

(Da Bohemia do Espirito.)

LENDO O «TELEMACO»

AO DR. AFFONSO CELSO JUNIOR

Baccho, quando pequeno,
Pelo chorudo semi—deus Sileu
Era educado.

Um dia, juntamente,
Buscam, mestre e discipulo, o recesso
Msis escuso, recondito e tranquillo
Do antigo bosque consagrado a Apollo;
Sitio, onde a luz solar, escassamente,
Com precaução, entre o aranhol espesse
Dos sycomoros filtra; e, em cujo solo,
Misturadas, a sombra e a claridade,
N'um crepusculo vago arfam confusas...

E' este o ameno asylo,
Que entram, propicio a conversar, as musas;
Ahi do estio n srdor penetra a custo,
Fresco o recinto, amplo silencio o invade,
Favoravel á scisma, temperado
Pelo barulho alegre da agua, apenas,
Que entre cascalhos se deriva clara,
E as freneticas, doudas cantilenas

Dos ninhos vivos...
Para
Dos deuses estudar a lingua, ao lado
De alto carvalho solido e robusto,
Assoatam-se ambos...

Era
Um carvalho, que o Tempo não pudera
Tombar; que do seu rijo tronco vira
Varões surgir da idade de ouro, e, outrora,
Oraculos, solemne, preferira...

Trás d'elle, vê-se um joven fauno, agora;
Baccho, ahi, a lição começa, e, attento,
Uns versos, em Calliope aprendidos,
Recita ao mestre... O esperto e malicioso
Fauno o escuta; e a sorrir, de quando em quando,
A Sileu, o bom velho paechorrento,
Com géstos ia os erros commettidos
Pelo pueril discipulo, indicando...
As Naiades o as nymphas ds sagrala
Selva, tambem sorriam zombeteiras
Em roda...

O fauno era um censor gracioso,
Bella cabeça paupinosa, e onada
Dos rubicundos eschos das parreiras;
Qual verde charpa, em linbas sinuosas,
Ds espádua varonil, máscula e dura,
Pendia-lhe um festão de heras vijosas;
E o corpo envolto, abaixo da cintura,
Tinha por feia pelle hirsuta e grossa
De uma panthera, que escorchado havia...

Baccho impaciente, emfim, porque não possa
Já supportar, mais tempo, a zombaria
D'esse aristarcho intruso e provocante,
Que prompto sempre a escarnecer estava,
Quando elle, em tono menos elegante,
O verso lia, ou quaado o verso errava:—
—«Porque ousas tu zombar», com voz terrivel
Diz. «de um filho de Júpiter?!»—

Soturno,
Assim fallaodo, com despeito cerra
O cenbo ao fauno...
E o fauno, por seu turno:—
—«Porque ousas tu errar?!» Calmo e impassivel,
Diz: —«Um filho de Jupiter não erra!»—

A RELIGIÃO DO OURO

A EDUARDO DA PAIXÃO

O antropomorphismo dos Gregos e romanos era a religião dos sentidos; o homem antigo idealizava e transformava em deuses todas as forças da natureza, e todas as cartas que influam na vida do individuo e na da sociedade.

O polytheismo foi destruido, de um lado pela doutrina christã, de outro pelos progressos da sciencia.

Mas Jezoita seculos depois, elle ressurge do pó da historia, e estabelece-se de novo no meio da sociedade contemporanea.

Aquillo que denominamos — o mundo civilizado — é perfeitamente pagão, tudo o que ha de mais pagão.

Os deuses é que já não são os mesmos. Mudaram de natureza e tambem do nome.

No Rio de Janeiro, por exemplo, Jupiter é representada pela cedula de quinhentos mil réis; Marte pela de duzentos bicos; Neptuno pela de com *Saprotas*; Plutão, Vulcano e Appollo pela de cinquenta *pelotas*. Juno vale 258; Minerva, Ceres e Diana são cotadas a 208; os favores de Vesta podem ser comprados por 198, os de Venus por 15 e mesmo por 2000.

As notas de 15, 500 rs e os *nicoldus* fazem o papel dos semi-deuses e herões. As moedas de 40 e 20 rs. são os sylvanos, satyros e gálgans.

E' a religião do ouro.

Quem possuir nas algibeiras todas estas divindades, tem certeza do galgar o monte olympico que representa o céu na terra; quem as não possuir ao paderá subir ao monte... do soccorro. Não ha atheus.

Outr'ora, ao defrontarmos com uma pessoa desconhecida, inquiriamos do seu nome, da sua naturalidade, idade, familia, condição; e se tivessemos de entreter com ella commercio de relações, procuravamos pouco a pouco conhecer os seus sentimentos, pesquisar as suas intenções, saber das suas aspirações, mitigar os seus soffrimentos, julgado pelo character e pelas habilidades.

Hoje em dia todas estas curiosidades se reduzem ás duas perguntas seguintes:

— Quanto tem? Quanto ganha?
— Posso quatrocentas apollies e ganho dous contos por mez.
— Oh! que anjo!
— Não possuo cousa nenhuma e vivo apenas do meu trabalho.
— Oh! que pulha!

De sorte que a maior de todas as vaidades é ter dinheiro, muito dinheiro. *Aurum omnia vincit*, com vistas ao Dr. Castro Lopes.

Metallisaram-se os corações, ntrophianam-se ns espiritos ao habito empastado da ganancia.

Um bom sentimento não o é, se não tem cotação na praça, se não rende tanto ao seu possuidor.

Tudo tem tabella preestabelecida. O templo do amor, o templo da gloria, o templo do Poder são decorados com a inscripção: «Tantos por cento».

A suprema aspiração do homem é enriquecer, afim de se transformar em porco de Epicuro sem dar satisfações a ninguém.

Este fanatismo pela libra esterlina — uma sorte de vesania, de allucinação, comparavel ás loucuras de religião, de conquista, de patriotismo e de descobrimentos, de que nos falla a historia.

Os homens de hoje não têm peiores sentimentos nem estão mais corrompidos do que os seus antepassados.

Ao contrario, não seria difficil provar que em muitos pontos elles são mais razoaveis e bem intencionados. Porém a população da Terra tem augmentado em tal progressão; tomou tão grande incremento a concurrencia nas industrias e no trabalho; multiplicaram-se de tal modo as necessidades do habitante dos centros civilizados — que a adquisição dos bens da fortuna tornou-se cada vez mais difficil; e a obtenção dos meios de subsistencia impõe-se como o primeiro artigo de um dogma de fé.

A theoria de que o ouro é o — «deus

RAYMUNDO CORRÊA.

ex-machinas, a panacea universal para curar todos os males e remover todos os obstáculos, é a consequencia erronea de um facto real, consequencia proclamada pelos espiritos incultos e tãmbos, allucinados pelo brilho e pelo poder d'aquelle instrumento da civilisação moderna.

O exngero o o abuso são defeitos inherentes á natureza humana. Mal divismos a ponta de uma verdade, já a consideramos indiscutivel postulado, e vamos de luzindo corollarios excessivos e caprichosos. Esta tendencia tambem se manifesta em relação ao gozo dos prazeres.

Estes não serão renes, se não forem usados com sobriedade ou parcimonia; mas na immensa generalidade dos casos, os homens procuram os bens da vida com a maior solteiragem e aqodamento, para depois abusarem d'elles, abuso de onde dorntam a saturação e o tedio.

Relativamente ao poder do dinheiro, pôde-se affirmar que a sua posse proporciona muitos gosos, e que a sua falta é origem de grandes dissabores.

Mas pôde-se tambem affirmar que as maiores alegrias não se compram com ouro, e que este não sabe consolar as mais pungentes dores.

O pobre e o rico pugnam á villa igual contingente de lagrimas.

Referimo-nos á « vaidade do dinheiro ». E' n' mais parva, e, infelizmente, a mais frequente das basofias.

A maior mostra de desdém que se pôde atirar á face de um individuo é chama-lo de pobreto e necessitado. Desde que têm quatro vintens no bolso, querem passar por abastados. A egualdade de despezas, de que fala Alphonse Karr, é uma pura verdade. O amannense deseja figurar na sociedade como se fosse um millionario; e se os dous se conhecem e tomam o mesmo bond, quem paga as passagens é o amannense — para mostrar ao outro que tambem sabe fazer franquezas.

Dinheiro e santidade, meta de la metade — lá diz o rifão, e com toda a razão. O sonho dos capitalistas é passar por possuim quatro vezes mais do que realmente têm. Preferem duzentos contos com a fama de oitocentos, a oitocentos com a reputação de duzentos.

Estão convencidos, e com fundamento, de que o dinheiro chama o dinheiro, e de que nunca poderá ser effectivamente rico quem já não gosar da fama de o ser.

Uma vez colhido na enguagem das ambições gananciosas, o homem aliena a sua autonomia moral e intellectual; insaciavel sede de ouro aniquila os impulsos affectivos do seu coração e automatisa a sua intelligencia.

Não pensa, não sente, não vê, não aspira senão — dinheiro!

Perde a noção de que o numerario é uma mercadoria como outra qualquer, apenas escolhida para facilitar a troca dos productos; perde a lembrança de que o dinheiro vale como meio de obter os confortos da vida e de realisar altos committimentos. Condemnado permanentemente aos sobre-saltos e ás inquietações, o argentario leva uma existencia atribulada e muito pouco invejavel.

Só reconhecem uma especie de honra — o pagamento dos seus compromissos commerciaes.

Nisto se resume toda a religião, toda a moral, toda a philosophia de que são capazes.

Não são velhacos porque isto lhes traria sérios prejuizos. Não temem as gehéenas infernaes para onde o catholicismo envia os ladrões e os tratantes; mas sabem muito bem que para um velhaco — velhaco é meio.

Dante esqueceu-se de descrever-nos um bolge infernal em que os condemnados espummassem de colera e desespero, — rebolcando-se em montões de ouro.

Tudo se vende! Tudo se compra! Tudo é negocio!

O grande leiloeiro bate com o martello nas consciencias.

O sujeito que é rico pôde salvar a sua alma, as almas de seus pais e as de seus avós, comprando 500 missas para cada um, fossem elles embora uns bandidos.

Os padroes fanhosos e tabaqueiros tanto estragam latin para regalo da alminha de S. Christini como para a do Zé do Telhado.

A beneficencia e a caridade reuitem juroz fabulosos; muitos rianços ha no Rio de Janeiro que começaram a carreira commercial nas irmandades e ordens forceiras; semeiam notas de cinco mil réis e colhem depois ditas de quinhentos.

Quando virem algum irmão de tocha e balandráu, não se riam, porque elle está tractado de ganhar a sua vida muito bonralmente.

Ninguém acredita na altivez, na generosidade, no desinteresse, na dor moral, nas paixões nobres, no talento independente, nas intenções puras, no amor, no ideal, na confiança, na elevação de character. Salvo quando nestas cousas pôde-se ganhar ou perder — dinheiro.

O sujeito bastante ingenho que queira entrar no mercado com aquelles sentimentos arrisca-se a passar por idiota.

Quanto á amizade, esta — coitade! — foi atirada ao fundo do poço onde ha tantos seculos jaz accorrala a outra grande exilada.

E' maxima corrente que quando os interesses são communs, os mais rancorosos inimigos fazem as pazes; e quando os interesses são contrarios, os mais ternos amigos atacam-se de unhas e dentes.

E' provavel que se estas minhas cebrinas locubrações cahirem sob as vistas de algum argentario blindado de ouro, elle exclame: — « Ora adeus! são idéias de algum furréas sem vintem! »

E o bruto tem razão. Se eu não estivesse preso ás miserias d'este mundo como papagaio que dá o pé a quem lhe offerece milho verde; se pudesse desenhencillar-me d'esta corrente de nickel que me ntenaza o estomago, certo não estaria agora escrevendo estas bobagens. Achar-me-ia, por exemplo, em uma deliciosa devesa que conheço na Tijuca, banhando-me nas aguas de uma fonte crystalina, ouvindo o chilrear dos passarinhos, e preparando-me para ler os contos de Banville, mollemente reclinado em uma rede de pennas; presa aos laranjeas em flor.

E havia de rim muito das bolas que têm a mania de philosophar sobre as cousas d'esta bola.

URBANO DUARTE

A UMA VIAJANTE

I

Porque de tão longas terras
Vieste a dar-me o paraiso
Se este, formosa, o desterras
Tão cedo e em teu sorriso?

Fora melhor porventura
Ficir no antigo degredo
Que conhecer a ventura
Para perdela a t'io cedo.

Em breve o caminho extenso,
Em breve o oceano de trevas;
E em todo o Universo immenso
Toda a saudade que levas!

Porque voar, se ditosa
Eras no abrigo do ninho?
Era tão bella esta rosa...
Já me tardava este espinho!

Que hei-de ora ver que me agrade,
Que o mar da vida asserene,
Com um raio da immensidade,
Com uma boaança perenne?

Que olhar terei neste mundo
que, como o teu, me acompanhe,
E em cujo clarão profundo
Toda minh'alma se banhe?

Partir, quando tudo em roda
Te lavoca e a amar te convida,
E ha um grilo ni esphera toda
De amor, de luz e de vida?

Mas junto a mim que te falta?
Que mór ventura te chama?
Não sei de gloria mais alta
Do que a gloria de quem ama...

Chama-te o mundo. Entretanto,
Mais vale que o mundo o abrigo
Molhado de um doce pranto,
Cercado de um rusto amigo!

Talvez te chame a riqueza...
Despreza-a, beija-me, e fice:
Verás que assim, com certeza,
Não ha quem ni seja mais rica.

Fica em meus braços, espera!
Espera, qu' por saudar-te,
Vem cantando a primavera,
Vem aves de toda parte.

Não leves a longes terras
Meu tranquillo paraiso:
Que vou ser eu, se o desterras
Tão cedo com teu sorriso?

Engent'o de Dentro, Março, 87.

OLAVO OLIVEIRA.

NOTAS PHILOLOGICAS

Devo longa resposta ao professor Pacheco Junior. Somos amigos e não creio que a philologia torne obtuso o agudissimo angulo em que vivemos na vida extra-philologica.

Pacheco Junior é um excellent humo-rista. Ama a discussão, a cambalhota, o murro inglez, a epilepsia e a gymnastica congere. Entra na arena e logo espalha branzas, canta de gallo, faz o diabo; mas, afinal, parliamenteia e se entrega.

A critica, que, tomala a serio, é uma peça mecanica analoga ao excentrico que só chega na occasião oportuna, e para o nosso chistoso philologo um combate sem treguas, de principio a fim, tumultuoso o tumultuario.

Os elementos de seu espirito não são susceptiveis de catalogo, nem da mesma orden alphabetica. E' confuso. Commette simultaneamente a phonologia e a pilheria; cultiva com peregrino affecto a syntaxe o a anedocta; e como philologia foi sempre cuidado de frades, jamais separa a grammatica da bernardice.

Pacheco Junior é um homem illustrado e engraçadissimo.

Felizmente já lhe conheço as manhas de duende e as partes de alma penada com que, a horas mortas, faz modo á visinhança.

Pede-me o illustrado professor a documentação da forma mala criação, para que seja admissivel a forma malcriação. E' a primeira vez que vejo tão disparatada theoria sustentada por um philologo illustre. Concluo dahi que todos os compostos, a melhor porção d'elles, são contestaveis e duvidosos, porque jamais foram encontrados em juxtaposição separada. Segundo essa theoria de scepticismo, capencillo, com homens, recém nascidos, São Paulo, ... e onde vou eu? só deixarão de ser contestaveis quando a fortuna deparar-nos documentos onde venham consignadas as locuções capa em collo, cento homens, recente, nascidos...

Eis ahí um bom exemplo de philologia picaresca.

Creio que a futura Grammatica do illustre professor ha de ficar com a lista de compostos pontuada de cautelosas interrogações, e já d'aqui a espero, apercebido das minhas acrobaticas e juponezas habilidades.

Mas, não. Venha o philologo, não por mestre, mas por simples companheiro: venha e trabalhemos junctos.

Não fique zangado e nem ha para que. Criticos não eccasceiam. Ha por ahí muito olheiro de obras. O que falta é gente de serviço.

Elegante, pressuroso e, como o heroe de João de Barros, tão apercebido de loucaína que parecia ir a uma voda, vem Pacheco Junior, alem de razoada critica, dar-me conselhos sobre uns certos vicios de grammaticão.

Não sou avesso ás novidades, aos neologismos, gallicismos etc, e hei de explicar-me devidamente no correr d'estas minhas despretenciosas observações. Mas, certo, borrorria-me o mau emprego dos vocabulos.

Para não ir muito longe, depara-me o artigo do illustre philologo duas locuções, contra as quaes não deixo de protestar. E são ellas: vicios redhibitorios e o tempo e seus detrimetos.

Sempre ouvi que a redhibição é um acto de virtude, que tanto ó desmanchar a fraude e ropor a injustiça. Não posso, pois, comprehendêr o que seja vicio redhibitorio, pola simples razão de que ignoro o que seja a virtude dos tratantes.

Por outra parte, em meu conceito, detrimeto é o danno que se soffre e jamais o danno que se faz soffrer ou que se causa. Consequentemente, é costume dizer-se; o detrimeto da justiça, o detrimeto da saúde publica, e nunca jamais o detrimeto do assassino ou o detrimeto dos ninhos falsificados. Parece, pois, averiguado que o detrimeto se diz do paciente, e jamais do causador.

Ora, não consta que o tempo, seja susceptivel de dmnos, e antes tenho visto que os produz a todo o instante e sobre todas as cousas. O que quer dizer, portanto, « o tempo e seus detrimetos »?

Mas, o que vai dito é accessorio. Entremos na questão principal.

Pacheco Junior combatu o meu estudo sobre o vocabulo malcriação, sob dous aspectos particulares: a etymologia e o uso.

1.ª questão. A etymologia. Pacheco Junior não tem sobre a etymologia do vocabulo idéa definida. A principio, enxerga no elemento mal um adverbio:

« Esta particula (mal) é ainda elemento de derivação popular, e entrou na formação de malcriado, donde malcriação. »

Tres paragraphos adiante, o emerito professor a limite a minha etymologia, (que considera mal um adjectivo contracto), ponho, todavia, a condição de que « a forma contracta confundiu-se com o adverbio homophono. »

Se ni faltassem as forças, eu poderia gritar: tollitur questio!

Com effecto, affirmo que mal é um adjectivo contracto. O meu critico está de accordo. O que tenho mais com as subseqentes confusões de categorias, sobre as quaes nenhuma palavra articulei?

Mas a verdade é que tal confusão não houve.

Para estudar a etymologia de um vocabulo, só ha, que eu saiba, dous methodos. Um, physiologico, que procura a derivação pelas leis phoneticas; outro, psychologico, que explica a derivação por analogia de outras formas.

E' intuitivo que nenhuma lei phonetica pode tirar o vocabulo ma criação de malcriado. Creio que o mesmo Pacheco, que tem horror ao eacrobatisismo, jamais assignalou tão extravagante filiação.

Segue-se, portanto, que malcriação só poderia vir de malcriado por analogia.

Ora, isto é uma falsidade. A analogia representa a victoria da regra sobre as excepções; a analogia é a tendencia originada no poder do maior numero. De sorte que é palpavel absurdo admitir analogia para um caso unico. O que significa uniformar uma forma? Acaso não será, para o professor Pacheco, uma forma já por ei assaz uniforme?

Com effecto, em todos os exemplios que o proprio philologo enumera e nos mais que possa enumerar, vê-se que o adverbio mal do adjectivo composto desaparece no substantivo:

mal fallante... más fallas
mal fazejo... más fizeito.
etc. etc.

Logo, não existem elementos pars a analogia. Logo malcriação não vem de malcriado.

2.ª questão. O uso. A opinião do erudito glottologo fica resumida na seguinte phrase:

« Entendo pois — fim de razão — que podemos e devemos dizer malcriação. »

Deixando, em primeiro lugar, a questão do poder e de dever, inquiramos desde já o que é que realmente se diz. A analyse depara-me duas formas:

mal criação
má criação.

A primeira é popular e necessariamente mais antiga. A segunda é erudita e litteraria. Como os letrados formaram a segunda?

É o que vamos estudar. Os doutos colheram da bocca do povo a forma *mal criação* e raciocinaram *mal* é substantivo ou adverbio; em qualquer dos casos, *maleriação* é um abocismo horroroso; substituiu-o pelo dizer correcto: *má criação*.

Ora, os doutos apenas não se lembraram de acender a lanterna. Sim, meu caro professor, os doutos não cogitaram de formas contractas, por uma razão muito simples: não as conheciam. Os doutos ignoravam que *mal* não só é substantivo e adverbio, mas até um ajectivo truncado.

MAL é *un adjectif*, diz Littré no seu dictionario, e ainda se conserva em *malheur, malaise* e inuitos outros nomes.

Não só no francez; no italiano e castelhano *mal* é um ajectivo contracto, dil-o a Academia de Madrid, dil-o a Crusca nos seus vocabularios: *mal caballo, mal cavallo*.

É um facto romanico e sem contestação.

Deram aos doutos um problema difficil. Elles, os doutos, resolveram-o de boa fé, mas orradamente; consideraram apenas duas condições: o caso do adverbio e do substantivo; mas a verdade é que a solução exigia a presença de terceira condição, o caso do ajectivo.

Tal qual em nigobra, o mais mesquinho torção condicional pode limitar a unidade um numero infinito de soluções de um problema indeterminado.

Soubessem os doutos do obscuro ajectivo *mal*, e já não fariam alarde da logica a que precipites recorreram. Ah! está porque é má conselheira de philologos a velha e immorredoura logica.

Olhe: Quando fizemos a nossa independencia politica, o Uruguay pertenciamos e desde então corrou montes e vales a tão patriótica qua incheda e formidolosa *chapa*, do *Amazonas ao Prata*.

Hoje, que já não possuímos a provincia Cisplatina, estou vendo que a bibliario philologo, d'esses que caçam a cosso e a espingardadas, virá gritando: diga-se d'ora avante *Do Amazonas ao arroio Chut III*.

E, creiam, será mais pittoresco... e muito mais logico.

Nem sempre se pode restituir a vista a um homem que cegou.

Glottologo tanto que chegou a reformista, de u-lbe a peste e está mais ou menos perdido.

Logo de começo, notei que Pacheco Junior não tinha exacta noção de *formas contractas*. As formas integras não differem das demais por modificação dos elementos phoneticos; a differença consiste na ommissão de alguns destes elementos.

É, portanto, um erro de Pacheco dizer que *frei* é contracta de *frade*. Muito uiversamente, *frei* é contracta de *freire*. Os antigos diziam: *Ordens de freire*, e os dictionarios indicam varios exemplos.

Para concluir. Em toda a minha humidade, não deixei de notar a immodestia com que Pacheco Junior me offerece o rapé gratuito de seus conselhos.

Não quero ser seu aggregado, nem seu rendeiro; não posso levar os meus productos para beneficial-os em sua aperfeiçoada engenhoca. Tenho, felizmente, terreno proprio e, quando Deus dá, lavro e colho por minha conta e risco.

29 de Março.

JOÃO RIBEIRO.

CARTAS DE LISBOA

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE LITTERATURA. CARTAS A LUIZA (MORAL, EDUCAÇÃO E COSTUMES), POR D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

Confesso que n novo livro d'esta senhora me deixou um pouco frio. Uma

obra de moral sem profundidade de idéias e sem interesse na forma, não tendo por si senão as boas intenções, francamente... não me encabe as medidas. O fundo d'esta obra, como n de outros trabalhos do mesmo genero, d'aquella senhora são as *Farpas*. Mas estas têm por si a forma, vivaz, esparta, picante. É o estylo da Sra. D. Maria Amalia é um estylo brincalão e classico, que mostra influencias diversas: um amalgama de D. Antonio da Costa, Ramalho Ortigão e Catulle Mendès, um estylo nanyino, incaracteristico, um estylo *toda a gente*. Muitas palavras e poucas idéias, as mesmas coisas em quasi todos os capitulos, os quae todos se resumiam num só com muito pouco trabalho e mais proveito. Livro que para se analysar perfeitamente demandaria um livro ninda maior, com muitas phrases incompreensíveis, falta de nexo, e uns erros de vez em quando. Muitas afirmações que carecem de ser demonstradas, contradicções aqui e além, adjectivação um pouco caprichosa.

Foi esta a impressão que me doixou o livro. Devo contudo declarar que talvez entre nesta apreciação a minha especial antipathia por mulheres philosophas, mulheres que dizem sentenças com ar grave e uma certa intimativa...

É provavel. Mas eu creio tambem que nna mulher quando se resolve a ser moralista não pôde passar a uma certa area de idéias muito restricta fe limitada pelos conhecimentos proprios de uma senhora solteira,— não sei se me faço bem comprehender. E preciso que essa senhora não dê a entender que sabe tanto como um homem, que ella não me fale em sciencia e em outros assumptos de que uma mulher não pôde falar a um homem senão quando elle é seu marido, e a sós. Talvez não me fizesse ainda perceber. Em todo caso direi que leio sempre com prazer os artigos de Mme. Emmeline Raymond na *Mode Illustrée*, jornal que a Sra. D. Maria Amalia calumniou no seu livro *Mulheres e crianças*, certamente polido desconhecer. Mas não gosto de ler phrases como estas:

«... sermos companheira do homem moderno...» «que entra sem pavor na jaula tenebrosa onde se debatem esses monstros, que são as suas paixões.» «... os homens que nos escravizam ha tantos seculos a alma e o corpo...» «... pela amante, a sua iniciadora nos mysterios da vida...» Etc. etc.

Depois ha coisas no livro da Sra. D. Maria Amalia que me parecem esbrosas... arriscadas. Cito o fim da carta n. VIII, em que a auctora diz o que deve fazer uma mulher que se saiba enganada pelo marido, e diz: «Sacrifique-se ao dever... e verá que ha delicias susteras neste renunciamiento que parece tão incomprendido e tão cruel! E para quem desceria a velhice, calma, tranquilla e pura... se não fosse para as... creaturas que... soffreram caladas o maior supplicio que n vida inflige ao pobre coração da mulher leal e digna?...»

Se não fosse evidente em todo o seu livro que S. Ex. é muito imaginosa, havia de julgar-se aquella sahida um tanto esquisita...

Não resiatu tambem a dar umas amostras de algumas opiniões e descobertas mais curiosas que notei na obra. «Voltaire, no fundo, era um aristocrata.»

«... o artista subtil da renascença...» «Não é o Pariz em que pintores, ebrios de colorido ou idolatras da forma, logram arrancar á natureza o segredo das suas côres mais violentas... das suas linhas mais symetricas...»

«A simples observação d'este momento social que atravessamos nos deixu claramente ver que é elle um momento de crise aguda, de transição entre dois estados contrarios.»

«O conflito entre a sciencia e a fé... produziu como inevitavel consequencia todas as perturbacões que agitam... a consciencia moderna.»

«... não havendo por ora nma moral positiva.»

«... Pariz nunca deixou de rir. É a facilidade mais caracteristica, mais original com que ella se impõe ao nosso espanto!»

«A imaginação do homem reside-lhe na cabeça, a da mulher tem a sua sede no coração.»

«... a axioma de Buffon — o estylo

é n homem — terá de juntar-se a varias outras falsidades que elle proclamou em tom dogmatico. Sim, concedo que em breve teremos de concordar unanimemente que o estylo é tudo menos o homem; o que porém não podereis alcançar nunca, o sacerdotes da impersonalidade na arte, que o estylo não seja a mulber!»

«... essa alma colossal de que o seculo XVIII traçou os primeiros lineamentos, e que nesses tem, senão completado, pelo menos adiantado...»

«... quando lo ouvirem falar d'este seculo tem precedentes...»

Basta. Deciframento quem discreta assim de sciencia e philosophia, litteratura e artes, le esthetica e de costumes, não me parece que se possa chamar nem um philosopho ou um critico. Eu, por mim, cá vou arrumar o volume ao lado dos Sr. D. Antonio da Costa e Ramalho Ortigão... Para philosophia prefiro o meu Spencer, e para moralista antes me quero com o meu velho Montaigne, que a Sra. D. Maria Amalia Vaz de Carvalho acha o *typo mais genuino d'essa bonhomia um tanto differente, d'essa benevolencia um tanto sceptica, produzidas pela idade.*

Como esta já vai longa, deixo para a proxima carta a chronica da quinzena e ainda a revista dos theatros, que já devia ir na passada.

Darei só a resenha das

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

Alberto Pimentel—*Rainha sem reino*—Estulo historico do seculo XV.

Anselmo de Andrade—*Viagem na Hespanha*.

Bernardo Pinella—*Azulagos*— Com um prologo por Eça de Queiroz.

Catel—*As mães e as filhas*— Contos.

Camões—*Lusiadas*— Primeira edição reproduzida em photo-lithographia por Joaquim Euzebio dos Santos. Sahio o 1.º fasciculo.

H. Capello e R. Ivens—*De Angola á contra-costa*.

João de Deus—*Proverbios de Salomão*.

Joaquim Pinto de Campos—*O Inferno*— Cantico primeiro da *Divina Comedia*, de Dante Alighieri. Versão portugueza, commentada e annotada.

José de Souza Monteiro—*Os Amores de Julia*—Seres da antiga Roma.

Manuel da Silva Gayo—*Primeiras rimas*.

Oliveira Martins—O artigo *Banco* do Dictionario Universal Portuguez.

Sahiram tambem algumas revistas sem importancia.

EMYGDIO MONTEIRO.

MADRIGAL SENIL

Na grega Halica nasso houve uma fonte Chamada *Salmacia*. Quem lá bebia.

D'amor adoezia,

E, ás vezes, morria.

A tal fonte seccion.

Mas quanto a natureza é providente Em preservar a hostil pathologia:

Halica nasso é beje uma ruina, Que o tempo devastou.

E, com, não tem gente,

Nos seus olhos, meina,

A fonte que nos mata rebentou.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

(Da *Bohemia do Espirito*)

RABISCAS PHILOGICAS

Será este d'ora em diante o titulo dos meus artigos referentes ás *Notas Philologicas* do meu ben doutrinado amigo, o Sr. João Ribeiro, a quem não deve n meu escripto do dia 28 ter amuado commigo.

Seguro de que esta nossa cavação não nos fará desdar laços de estima, tanto mais que nestas discussões nunca niro ao scopo de cremar na creditos dos meus

confrades ou desvalorar-lhes n merito das produções, continuamente a publicar meu desenvolvimento em muitas rabiscas.

No ultimo numero d' *A Semana* referese o Sr. J. Ribeiro á apherese do *h, o, a*, cuja melhor explicação—em seu entender—é o esquecimento etymologico, e seguinte confusão daquellas letras com os artigos vigentes. «Aaam é—continua S. S.—que o povo diz não raro—um *facial* de justiça por suppor que o de *oficial* é um elemento esparavel, um *artigo*.»

Dessas modificações accidentaes do systema phonetico, já tratei em n meu trabalho sobre *Phonologia*, impresso ha 10 annos, e qua, por esgotada a edição, é fonte ou te vão beber a larga haustos alguns professores, que dolla extrahem as suas lições com probidade litteraria muito... equivoca, pois nem citam o nome do autor onde foram buscar a modesta bagagem scientifica sobre as equivalencias e permutas dos sons, as modifacões accidentaes, etc., e ás vezes... o unico latim que sabem. Quando vejo escripto na capa de rosto dos endernos de alguns alumnos do portuguez—*postillas de phonologia do professor A.*, nro nome dessa pavonada, e não tenho coragem para desagradar as pensas a triste e negra gralha catholica, exponho-a em pelourinho ao escarneo da estudantada.

Mas venhamos ao caso.

Da apherese temos numerosissimos exemplos nas linguas romanas: n do I, porém, é muy rara em portuguez (*ymccm, lonca, onca*).

O Sr. J. Ribeiro, attribue a queda do inicial, nestes casos, á confusão com o artigo, e desaa opinião é tambem Fred. Diez. Não sou accorde com elle; e aqui advirto que a prothese é muito mais frequente que a apherese, principalmente no francez antigo e no provençal. No portuguez o a prothesico é muito vulgar:—*abarca, acolceira, alembranca, acredor, avoar, apurar (p. parar), atormentar, aconselhar*,... E em grande numero destes verboa o a prothesico não corresponde á particula *ad*.

Tambem não é pequeno o numero de vocabulos em que a syllaba inicial (*a. al*) representa o artigo arabe—*alfandega, alfaraz, alcova, aldeia, assucar*,... (*) *abricote*,... Aqui foi a ignorancia popular que, não distinguindo o artigo da palavra transmittida de ouvida aol-dou-os por fim.

Tenho de mim para mim que o commo do povo apherisando ou prothesando os vocabulos, procede sempre muy inconsciente e incongruente; muito sem culpa e sem sciencia da origem das palavras.

De feito, elle não cogita nessas pequilhas de artigos e preposições; nunca por seus escaninhos uncephalicos passarão, de leve sequer, taes distincções grammaticas. O vulgo corrompe, estraga, sem consciencia; só procura empregar menos esforço na pronuncia, já *comendo syllabas*, já trocando letras, já ainda acrescentando alguma que mais lhe facilita a pronuncia.

Em um *facial* (exemplo citado pelo Sr. João Ribeiro) o povo, assim pronunciando, já mais se lembrou de rejeitar n o de official por suppo-o artigo. A rapidez da pronuncia, a preguiza, eis a verdadeira origem dessa apherese.

Nestes casos em que as palavras se ajuntam na pronuncia, formando como um composto, deve attende-se ao accento chamado oratorio. É elle que muitas vezes nos explica esses atrophiamientos.

Tambem n Sr. Adolpho Coelho escreveu:—«a syllaba ou inicial de muitas palavras, é mudada frequentemente em *en, ia*, pelo povo, por a suppor a preposição *in* corrompida; e mais a diante—«a etymologia popular toma p. a preposição o que não é, e separando a parte da

(*) «Eramos, derivando *assucar* do lat. *saccharum*, *Phonologia en gramm. hist.*. A origem verdadeira e directa do nosso vocabulo é o arabe *al sukkar*: no port. deu-se a assimilação da *o* so: no hesp. o artigo simplificado *o*—*so assucar*, no it. é *o* voc. puro *zucchero*, latinizado no desin. *ing. sugar, all. e din. sukker, holl. suiker, pol. sukier*. O nome primitivo indiano é *parkara*, donde pasou para o grego em *sakcharon*, que os Latinos *nacionallizaram* em *saccharum*. Posto que de precedencia originaria bengalense, aos Arabes que se deve a generalisação do *assucar* na Europa, cerca da época das cruzadas. No seculo XII—refere Devic—G. de Cremona, traduzindo o *Almasari* de Razi, não se apegue do termo latino *saccharum*; e verte *sukkar* p. *zuccharam, djulendjulin*, mel de rosas, por *zuccharam rosatum*. [V. Davis *Dict*]

palavra que julga tal, produz fórmæ como as seguintes: — *beira e ribeira, pismo e espismo, namorar e enamorar.*» Pois o povo, e o povo daquellas épocas, conhecia o valor das proposições latinas, e corrompia as palavras que aprendiu de oitiva, com a mesma facilidade e sciencia com que os eruditos formam as da lingua classica? !... E' o caso de exclamar-se—*hom'essa!*...

PACHECO JUNIOR.

P. S.—Escrivo estas rabiscas muito de corrida, sem individuação, amensando a aridez do assumpto, porque são artigos que vivem tanto quanto as roas de Malherbe.

Desle já declarou, porém, e com muita satisfação, que o sahio quanto modesto professor Lamerda é de minha opinião quanto à *maricada*. Assim pronuncia o illustre mestre e ensina aos seus alumnos. Outrosim, pelo que conversámos, o seu parecer coincide com o meu acima exposto referente à *apherese de le e a*.

O Dr. Alfredo Gomes, um dos jovens mais bem preparados em philologia portugueza, está tambem de accordo commigo.

P. J.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Offerecido pela Agencia Commercial Portugueza, temos sob os olhos um exemplar do «Dicionario de Direito Commercial» (portuguez) compilado e anotado por I. de Souza Duarte, e editado pela Empresa Litteraria de Lisboa.

E' um trabalho de alto morecimento juridico e de grande proveito pratico. Como indica seu titulo, são as materias ordenadas alfabeticamente, e o consultante na palavra sobre que se quer esclarecer encontra a definição juridico-commercial, com a citação dos respectivos artigos do codigo e bastantes commentos elucidativos.

Não temos trabalho congenere para o Codigo Commercial brasileiro sob esta forma facil e methodica de dicionario, o que constitue falta sensivel para os que carecem de manusear frequentemente o codigo no foro commercial.

Recomendamos esta obra, pois, que é de utilidade para o estudo comparativo dos dois codigos—portuguez e brasileiro.

Do Porto acabamos de receber, acompanhados de uma carta de apresentação firmada por distincto escriptor, o catalogo das «Edições da casa Barros & Filha em Janeiro de 1887» e um exemplar da ultima obra de Alberto Pimentel, o illustrado e fecundissimo publicista que todos conhecem—*Rainha sem reino*—estudo historico do seculo XV) *A Semana*, extrinicamente lungeada com tal offerecimento e com a promessa que lhe fez a acreditada casa editora de lhe remetter regularmente todas as suas publicações, agradecendo a distincção, empenhar-se-á vivamente em corresponder-lhe como deve, expendendo sobre todas ellas o seu juizo, desautorizado sim, mas desprevenido e meditado sempre.

Da *Rainha sem reino* ha de dizer depois de leitura detida, mas para que o leitor possa desde já inferir do merito de tal obra, transcrevemos um topico da apreciação do *Commercio do Porto*: «Redigida n'uma linguagem adequada, chá, fluente e castiça, a *Rainha sem reino*, episodio extraordinario da historia portugueza e hespanbola, é, incontestavelmente, um trabalho magistral, um primor no genero, uma coroa de gloria para o seu fecundo e talentoso auctor.

Não se trata de um romance, na vulgar significação da palavra, posto avultem lampejos romanticos no decurso vivaz do livro: o illustrado escriptor lisboense propoz-se elaborar obra de mais folgo e alcance; desenvolve, com superior criterio, a monographia exacta e profundamente tocante da singular princeza que, na historia patria, é conhecida pelo cognome, não menos singular, de *Excelente Senhora.*» e, concluindo, diz a citada folha: «Edição esmerada sob todos os pontos de vista, esta obra, por ventura a que mais ha de ennobrecer o considerado

nome do seu auctor, honra sobremodo a casa que a publicou.»

Damos em seguida o resumo da parte do catalogo relativa à «Litteratura e Polygraphin»:

«*Aliança heleno-latina*, discurso, por Emilio Castellari (em vulgar): 1 vol. *Cartas a Luiza* (moral, educação e costumes), por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho: 1 vol.

Dicionario de phrases latinas de uso mais vulgar, por Brito de Barros: 1 vol. *Farpões*, por Brito de Barros (2ª edição): 2 tomos.

Mulheres, romance, por Brito de Barros: 1 vol., a entrar no prelo.

Pandemonio, por Brito de Barros: 1 vol.

Rainha sem reino (estudo historico do seculo XV), por Alberto Pimentel: 1 vol.

Uma vida perfeita, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho: 1 vol., a entrar no prelo.

Viagens no Chiado, por Barros Lobo (Beldemonio): 1 vol., a entrar no prelo.»

Está finalmente à disposição dos innumeraveis leitores de Camillo Castello Branco a sua ultima obra *Bohemia do Espirito*, por longo tempo interceptada nas lojas do honrado editor Sr. Eduardo da Costa Santos (Livraria Civilisação) pelos editores Luga & Genelioux, successores de Ernesto Chardron, que perderam por fim—como ora de justiça—o insubsistente e odioso embargo que lhe fizeram.

O director d'esta folha foi honrado com a excepcional satisfação de receber pelo correio, remettido pelo editor, em nome do auctor, que se acha infelizmente enfermo a ponto de não poder escrever actualmte, um exemplar da *Bohemia do Espirito*.

E' um grosso volume de 450 pags. nitidamente impresso, abrindo com um magnifico retrato em phototypia do estupendo stylista de que se ufana a litteratura portugueza d'este seculo.

Infelizmente está velho e doente, mas apenas de corpo; o espirito—por inexplicavel phenomeno physico-psychologico—cada vez está mais joven, mais são, mais forte!

A *Bohemia do Espirito* ha de ter n'á *Semana* a recepção a que tem direito.

Edictada pela empresa do *Diario de Noticias*, está publicada em volume a revista que do anno de 1886 escreveram para o theatro. Sant'Anna os Srs. Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, sob o titulo *O Carioca*. Conquanto não esteja este trabalho na altura do talento de seus auctores, nem a par das outras revistas de anno por elles feitas, offerece agradável leitura.

V.

ATHLANTE

Foi na roça, á tardinha: era eu e ella, Sem nos seguirem vistas indiscretas; Ella corria atrás dos borboletas, E resistava os ninhos sem cautela.

Eu pelas cercas via a flor mais bella Para plantar em suas tranças pretas; E coisas lhe dizia tão secretas Que a fala em beijosia ao rosto d'ella.

Ei-la que salta o corrego, e num time Vae apoiar-se; rapidos assombros, Com medo de cahir, no olhar exprime.

Firmando os pés das margens sobre os ombros Do corrego, me curvo, e me comprime Um teu naco que me cahe nos hombros.

J. DE MORAES SILVA.

COFRE DAS GRAÇAS

Entre duas horizontaes: — Sabes? Tenho agora um novo amate... — E que tal? — Bom; mas... — Mas, o que?... — E' alto, muito alto, altissimo! — E tu, tão baixa!...

— Mas tudo se remediará; subirei n'um ascensor quando quizer dar-lhe um beijo.

Definição de um *cab*, carro coahocido no Rio pelo nome de bispo, cujo cocheiro vae ompoleirado na trazeira:

E' um vehiculo no qual o superior, que está no interior, só vê a parte anterior do posterior do inferior que lhe está superior.

Um francez tomou passagem, nos Estados Unidos, em um trem de ferro, que descarrilou, resultando ficar o nosso bonem com duas costellas quebradas.

Apresentou-se na estação policial mais proxima dando queixa contra a companhia.

— O que? pergunta-lhe o commandante da estação; o sr. faz muito barulho por pouca coisa. No mez passado morreram n'esta linha trinta e dois passageiros e nenhum d'elles se queixou á policia!

No Parque da Acclamação:

— Mamãe, todas as folhas das arvores são verdadeiras?

— Que tolice, meu filho!

— Tolice, não. Pois mamãe traz cabellos postiços?

— Você não serve para o emprego de agente de policia.

— Porque, exm.?

— Porque este emprego pede vigilancia constante e Você é caolho.

— Molhor, Exm.: dormirei com um olho só: o que já está fechado.

BIBIANO.

JORNAES E REVISTAS

Vem recheado de bons artigos e bellos versos o n. 8 da *Procellaria*, de que é director Julio Ribeiro. D'este traz um bem lançado artigo sobre interesses locais e promete dar um juizo critico sobre a *Lyrica*, do nosso companheiro Filinto de Almeida, firmado pelo apreciado poeta Theophilo Dias.

O *Mequetrefe*, n. 430. Na primeira pagina traz um bono retrato do honrado e distincto cavalheiro Commendador Aleixo Gary e nas outras engraçados desenhos. O texto, como sempre, bem escripto e de interessante leitura. F. C. apparece com a sua elegante *Especie de Chronica*.

No n. 235 d'O *Occidente*, que se publica em Lisboa, fulguram a *Chronica Occidental* de Gervasio Lobato, estudo sobre Fontes Pereira de Mello, por Pinheiro Chagas, *Captain Boyton* de Lorjô Tavares e *Actualidades Scientificas* de João Mendonça. Das suas illustrações destacam-se o retrato de Jayme Arthur e as que representam *A Costa de Caparica*. No n. 236 reapparecem com brilhantismo as assocções do costume e bem trabalhadas gravuras.

Está impresso o n. 30 da *Revista Mensal* do Club de Engenharia. Ornamentado com trabalhos sobre este ramo de sciencia dignos de leitura. Acompanha este numero um mappa graphico das nossas estradas de ferro em trafego e projectadas até o anno findo, bem como do territorio e população das provincias.

Não ha duvidar, a *Illustração* de Mariano Pina é uma das mais bellas publicações illustradas que se imprimem na Europa e pode rivalizar com as suas congengeres da Franca. O a. 2 do anno 4º vol. IV, que acabamos de receber, é uma colleção preciosa de bellas gravuras. Os desenhos da sua primeira pagina e da central *Shakespeare e a sua obra e representação do Hamieto*, são bellissimos.

A tão brillantes illustrações junta-se um texto excellentemente escripto e de variada e agradabilissima leitura.

Temos o n. 27 da importante *Revista*

de *Estradas de Ferro*, que apparece nesta Corte sob a direcção do Dr. Francisco Picanço. Não fica aquem dos outros este numero; traz um retrato do Conde C. B. Ottoni, acompanhado da biographia do illustre senador, e varios artigos constantes do seguinte sumario:

Estudos sobre o material fixo da E. F. D. Pedro II, Tarifas de estradas de ferro, Observações sobre alguns erros da moderna escola da barateza kilometrica nas estradas de ferro, ferro-via Pühalsense, O trafego economico das estradas de ferro na Franca e E. F. da Bahia a S. Francisco.

A *Provincia do Espirito Santo*, da qual são redactores os Srs. Moniz Freire e Cleto Nunes, ae nossas felicitações pela celebração do seu 6º anniversario.

S.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

SALÃO DO CONSERVATORIO

A distinctissima professora de piano D. Amélia Anais da Silva Costa, para dar uma prova do adiantamento-obtido por suas discipulas com o methodo de ensino adoptado em suas lições, organizou um concerto que foi effectuado no ultimo sabbado, no Salão do Conservatorio, e no qual tomaram parte exclusivamente (quasi) muitas de suas discipulas.

Não podia ser mais completa essa prova, porquanto o auditorio, numeroso e escolhido, applaudo calorosamente todos os trechos executados, applausos de que partilhou tambem a dignissima professora, vendo assim coroados de exito os esforços empregados pelo adiantamento de suas discipulas. Saudando a habilissima professora, d'aqui lhe enviamos nossos agradecimentos pela delicadeza do seu convite.

CLUB ATHLETICO FLUMINENSE

Com muita concorrencia de socios e convidados effectuaram-se domingo n'este club brillantes corridas cujos pares foram valentemente disputados pelos socios que n'elles tomaram parte.

Alguns socios executaram diversos trabalhos gymnasticos, que foram muito applaudidos, terminando a festa ás 10 1/2 horas da noite.

Durante as corridas tocou a banda Imperiales maribeiros.

O Sr. Alfredo Fertin de Vasconcellos, habil professor de piano, realisa hoje, com seus discipulos, um concerto, como prova de adiantamento dos mesmos discipulos.

Ao concerto seguir-se-ha n'representação de duas comedias e a exhibição de varias sortes de prestidigitação.

CLUB DO ENGENHO VELHO

Esplendido o 49º sarão concerto d'este distincto club, realiado no ultimo sabbado.

Abrilhantaram-se as Exmae. Sras. D. Riedy, cantando o *Bolero das Vesperas Sicilianas* e a deliciosa cavatina do *Barbeiro—Uma voce poco fa*; D. Emma Wegelin, que tocou o *Cheur des Filles* do *Natio Fantastico* e umas variações para piano sobre um thema de Beethoven, acompanhadaa pelo Sr. Alfredo Bevilacqua; D. Elisa de Sequeira Queros e D. Clotilde Wegelin, que cantaram a *Povera mamma e Il libro santo*, com acompanhamento de violino pelo Sr. Cernicchiaro, e D. D. Violante Quintal e Augusta Chaves, tocando o poema symphonico *Kouet d'Omphale*.

Cernicchiaro executou admiravelmente no violão um *preludio* e um *rondu* de concerto, trechos de sua composição.

Frederico Nascimento tocou, com a correcção que lhe é peculiar, o *Chant d'Automne* e a *Polonaise* de Popper.

Desnecessario é dizer que os amadores e artistas a que nos referimos receberam calorosissimos applausos e que a primeira festa do Club realizada pela actual directoria não é mais do que a continuação do bom nome de que ha muito goza o Club do Engenho Velho na nossa sociedade elegante.

Depois do concerto seguiu-se animadissimo baile que só terminou na madrugada do domingo.

LORGNON.

THEATROS

SANTANNA

Emquanto arruma as malas para ir a S. Paulo, que a espera ansiosamente, vai a *troupe* do Hellor cantando a *Toutinegra do templo*, com agrado do publico.

No dia 12 beneficio do Vasques, com *meu* inteiramente inédito: — *Macaquinhos no sótão*, eniabrada comedia de Aluizio Azevedo, genero *Palais Royal*, e *Os capoeiras*, engracalissimo monologo, que já tom fama. Já se sabe: quem quizer assistir a essa deliciosa ceia theatral (estamos hoje muito pantagruelicos!) va-se munindo de bilhetes desde já.

Mais dois beneficios neste theatro. No dia 13 o do ex-actor Pinto... Dizem que porque o homem, com o bigode, — o que bigode! um primor capillar — deitou resolução de não voltar ao palco. Como porém tinha direito ainda, pelo seu antigo contracto, a dois beneficios, aproveitou-se de um d'elles, no que faz muito bom. Com certeza o publico não faltará a manifestar nessa noite a sua sympathia pelo Pinto.

O outro beneficio é o da corajosa aeronauta e actriz Anna Leopoldina, depois d'amanhã. Se o publico não lhe encher o theatro nessa noite o ex-filho do Capitão Grant irá pelas ares...

Reappareceu hontem no *Boccaccio* a gentilissima e talentosa actriz Rose Méryss, que teve do publico o acolhimento que era de esperar.

Ainda bem que turemos o prazer de admirar e applaudir muitas vezes. Também entrou para a companhia a estimada actriz Marion Andrée.

PRINCEPE IMPERIAL

Os milagres de Santo Antonio...
Nada de milagres, nem de Santo, nem de Antonio; o que ha de novo é a *Sineta de Cordovil*, que apparece hoje pela primeira vez neste theatro. Esta sineta é uma parodia dos *Sinos de Corneville* conforme dizem os annuncios e afirma o seu auctor, o Dr. Oscar Pederneras.

No proximo numero diremos da *Sineta de Cordovil*.

LUCINDA

O *Mercurio*, que tem sido a delicia dos frequentadores d'este theatro, subirá á scena no dia 5 em favor dos seus nuctores.—Arthar Azevedo e Morsira Sampaio.

RECREIO DRAMATICO

Foi uma cousa imponente,— quasi phantastica, a celebração que a empresa deste theatro fez do centenario do *Conde de Monte Christo*. Que delirio! Não havia logar para uma cabecinha de alfinete. D. Publico lá esteve, a faltar-se; dê-m-lhe *Conde de Monte Christo* que estará nos seus reaes.

O patife gostn dos dramalhões que se lambe todo.

E agora uma boa noticia; boa mas que não é nova:

Está em ultimos ensaios a *Francillon* de Dumas Filho, que, graças á pena de Henrique Chaves, foi *escrita* em portuguez e entregue por este á empresa que ha levado á scena muito breve.

Que venha!

PHENIX DRAMATICA

Ha alguma differença? e o seu novo acto *Desmancha-se a differença* estão a despedir-se. Quem ainda não teve a dita de vel-os, ouvil-os e aduiral-os é ir hoje ou amanhã á Phenix para desmanchar a differença.

Neste theatro faz beneficio no dia 20 o actor Teixeira. Entre outras trabalhos subirá á scena uma poesia comica *escrita* expressamente para o beneficiado pelo Sr. Augusto Fabregas.

P. TALMA.

FACTOS E NOTICIAS

OREMIO DE LETRAS E ARTES

Depois d'amanhã, ás 7 horas da noite, realisará a sua terceira sessão litteraria que promete ser interessante como as primeiras.

Foi nomeado lente de latim da Faculdade de Direito de S. Paulo o illustre philologo Sr. Julio Ribeiro. Parabens ao latim.

Completo 27 annos de idade no dia 30 do corrente o nosso illustre e estimadissimo collaborador Dr. Afonso Celso Junior.

Comprimentamol-o cordialmente, desejando ao seu potentissimo talento e ao seu grande coração dilatada e venturosa existencia, pois muito têm a esperar de um como de outro as Letras e a causa da Liberdade em nossa patria.

FALLECIMENTOS

Dêram-se durante a semana, além do Sr. Conselheiro Martinho Campos, os do Sr. Commendador José Pedro de Azevedo Peçanha, talentoso e illustrado director de secção na secretaria dos Estrangeiros e official de gabinete do Sr. presidente do Conselho, e do Sr. Augusto Fomm, antigo e estimado auxiliar da redacção do *Jornal do Commercio*, cavalheiro respeitavel e exemplar chefe de familia.

PAULO FEVAL

Falleceu ultimamente em Paris, na idade de setenta annos, o famoso romancista que escreveu, além de cem outros romances, os *Mysterios de Londres*, *O filho do Diabo*, *O Corcunda* e *o Capitão Fantasma*.

Foi um dos criadores do roman feuilleton. Morreu paupérrimo, tendo perdido toda a sua fortuna com o estouro da celeberrima *União Geral*, recolhido a um estabelecimento religioso e imbecilizado pelo carolismo que o fez rever e expurgar todas as suas obras de tudo quanto ultimamente elle entendia ser immoral e irreligioso.

Triste fim, ua verdade, para homem de tão grande talento que tanto dinheiro ganhou com elle e tão celebre nome creou! *Sic transit...*

RECEBEMOS

— Da casa *Au Petit Journal* os ns. 10, anno 12, do *Salon de la Mode* e 5, anno 22, do *Printemps*. Ambos trazem elegantos figurinos.

— Relatorio da Sociedade Portugueza de Soccorros, exercicio de 1886.

— *A Estação* — n. 6. Contem excellentes figurinos e moldese uma interessante parte litteraria, intercalada de boas gravuras.

CORREIO DA GERENCIA

Ao nosso assignante que nos enviou uma consulta sem assignatura, sobre inventario, pedimosa queira reclamar a respectiva resposta, visto não sabemos a quem envia-a.

Sr. J. Florindo.—S. Paulo—O recibo de V. S., sob n. 788, relativo ao anno passado, está com o Sr. Sá.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

O ULTIMO BEIJO
POR
Henrique Perez Escrich

O Ultimo Beijo é n titulo do ultimo romance que acaba de subir do protos hespanhões e devido á rrdiosa penna do brilhante romancista Henrique Perez Escrich, auctor de obras que hoje tem uma reputação europèa, como o *Cura de Aldeia*, o *Martyr do Golgotha*, a *Formosura d'Alma*, e tantos outros romances que se têm sempre com aprivel encanto e quo são recebidos no santol lar de familia, sem temor de quo o maclem.

N'esta epocha de tanto realismo, em que as podridões sociaes, os vicios mais asquerosos servem de thema aos romances em voga, uma obra de Perez Escrich é sempre acolhida como uma flor de perfume casto e inebriante, que reflecte em si os mais bellos sentimentos da moral e da verdadeira poesia do bello.

Os romances assim comprehendem-se, e jamais podom inocular o virus dos torpes realismos no espirito dos que querem leituras amenas mas não irritantes.

O novo romance de Escrich que a *Bibliotheca do Cura de Aldeia* está fazendo passar para a lingua portugueza, é uma joia de inestimavel valor, uma d'essas joias que brillam sempre e que se guardam com estinia e agrado. É um livro de scenas attrahentes, d'um entredo admiravel, de uma simplicidade encaatadora e attrahente, contendo bellezas que são difficeis de descrever quando não se possui o talento descriptivo de um escriptor de primeira ordem como é Perez Escrich.

A *Bibliotheca do Cura de Aldeia*, para que a edição seja digna das que tem até hoje publicado, não só confiou a tradução a pessoa competentissima, mas tambom trata de empregar os seus exforços para que a parte material do livro seja o mais esmerada possivel.

Este conjunto de cousas faz com que a *Bibliotheca do Cura de Aldeia* espere o mais benevolo acolhimento a uma obra que pode ser classificada entre as melhores do auctor.

Condições da assignatura

O Ultimo beijo, constará de 4 volumes, ornados de primorosas gravuras, que serão publicados ás folbas de 16 paginas.

Distribuir-se-á semanalmente, com irreprehensivel regularidade, um fasciculo de 48 paginas, pelo modico preço de 200 reis cada fasciculo, pago no acto da entrega. Alternadamente será distribuida em cada fasciculo uma gravura de pagina.

Para as provincias accresce o porte e registro do correio.

Cada fasciculo de 48 paginas—200 reis.

GRAVURAS GRATIS AOS SRS. ASSIGNANTES

Estão em distribuição os fasciculos n. 1 a 14 (que formam dois volumes) podendo os Srs. assignantes receber desde já todos, ou os que quiserem. O complemento do romance deve receber-se em poucos dias.

Assigna-se na *Agencia Commercial Portugueza*, rua do Carmo, 40—Rio do Janeiro.

N. B. Os Srs. assignantes que se encarregarem de mandar buscar a este escriptorio, receberão gratuitamente um fasciculo em cada dez.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado nos seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua dos Ourives, 51.

Dr. Netto Machado (medico e operador). Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cons. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique de Sa, especialista de syphilis e molestias das crinas. — Rua Primeiro de Março, 12. consultas de 1 1/2 ás 3 horas.—Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO.
Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA
Tísica, bronchites, escrophulas, rachitis, anomia, debilidad em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

É muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinas e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicis e reconstituintes dos hypophosphitos. A venda nas drogarias e boticas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRECÇÃO POR

E. GAMBARO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Pôdo ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

NUNCA SE VIO

UMA QUEIMA COMO ESTÁ FAZENDO O

BAZAR S. MICHEL

para sua liquidação final, que terminará infallivelmente em 31 de Abril. Grande sortimento de fazendas, armarinho, lonça, crystaes, porcellanas e objectos de uso domestico.

66 RUA DA ASSEMBLÉA 66

A NOVA-YORK

NEW-YORK LIFE INSURANCE COMPANY

Companhia Mutua de Seguros de Vida dos Estados-Unidos da America. Fundada em 1845---41 annos de prosperidade. Unica Companhia Estrangeira de Seguros de Vida auctorizada a funcionar no Imperio do Brazil. Capital cerca de cento e setenta e cinco mil contos de réis. Deposito no Thesouro Nacional duzentos contos de réis. Filial no Brazil

31 RUA DO HOSPICIO 31

Esta companhia de seguros sobre a vida, unica auctorizada a funcionar no imperio, por decreto n. 9.503 de 3 de Outubro de 1885, depositou no Thesouro Nacional, como garantia accessoria de suas operações no Brazil, a quantia de **Duzentos contos de réis**. Pontos importantes sob que deve ser considerada a Companhia Nova-York: Conta 41 annos de existencia, tendo começado suas operações em 1845. Sendo puramente mutua, portanto não tendo accionistas, seu capital sobre hoje a quantia de **cento e setenta e cinco mil contos de réis**.

Funciona sob a severa fiscalisação do governo americano, unico, pois, onde existe fiscalisação real e effectiva. Não ha joia nem commisso depois de tres annos, recebendo o segurado que não puder continuar com os seus pagamentos uma apolice saldada, que nada mais lhe custa e garante-lhe tantas partes do capital primitivo, quantos pagamentos tiver cumprido e na forma do contracto originario. Seus lucros são divididos annualmente pelos segurados, que recebem prévio aviso dos dividendos que competem á sua apolice, sendo o lucro a dividir do anno de 1885, segundo o balanço de 31 de Dezembro, da quantia de **dezesete mil contos de réis**. Nos casos imprevistos interpreta sempre os seus contractos sob o ponto de vista da equidade, havendo aqui mesmo no Brazil diversos exemplos d'isso. Mediante uma pequena somma annualmente (o premio na idade de 35 annos, no caso de seguro pagavel por morte, custa cerca de **quaranta mil réis** por anno por cada **conto de réis** segurado), pôde cada um constituir immediatamente um capital para sua familia em caso de morte ou para si proprio, se chegar ao prazo escolhido. A viuva e orphãos, por morte de segurados, a possuidores de apolices dotaes, que chegaram ao periodo escolhido, a companhia tem pago, desde a sua fundação, a quantia de **duzentos e cinco mil contos de réis**.

Uma apolice da *New-York Life Insurance Company* offerece ainda aos ricos a grande vantagem de servir, como a que melhor for, de caução immediata, definitiva ou provisoria. Sendo o pagamento dos premios, assim como o capital segurado, em ouro e tendo a companhia agencias em todo o mundo, as transacções feitas no Brazil podem perfeitamente ser continuadas em qualquer outro lugar á escolha do segurado com redução nos premios, se a residencia for em paizes de clima temperado.

SINISTROS NO BRAZIL

Nomes	Loqores	Premios pagos até o morte	Quantias pagas pela companhia á familia
Joseph Norris.....	Londres.....		£ s. d.
Guetano Massot.....	Londres (Rest.).....		1,078 11 4
			312 3 4
Victor Scheitlin.....	Pariz.....		Francos
			60,000
		Rs.	Rs.
João José de F. Guimarães.....	Pará.....	4558800	12,0008000
Dr. Candido Quirino Bastos.....	Pará.....	5638800	24,0008000
José João Ribeiro.....	Pará.....	2148500	7,2008000
D. A. A. Dohrman.....	Rio de Janeiro.....	4008000	28,8338000
José Rodrigues de Souza.....	Pará.....	618800	11,8258000
Gustavo Wedekind.....	Rio de Janeiro.....	1468200	23,6698000
José Soares Pereira.....	Bahia.....	7178600	13,9208000
Paul Emilio Willmersdorf (assassinado).....	Santos.....	1078500	11,6138000
Tito Antonio da Rocha.....	Ceará.....	2038500	6,1708000
Carl Gaspar August Hayn (suicidio).....	Rio de Janeiro.....	5,7798800	72,0008000
Gustavo Theisen.....	Rio de Janeiro.....	1,1968000	24,0008000
José Amando Mendes.....	Pará.....	1,1508000	27,2458000
Antonio Soares Pinheiro.....	Pará.....	1,4228000	13,7708000
José Gomes Campello.....	Bahia.....	4548240	11,2008000
Dr. Aureliano de Azevedo Monteiro.....	Rio Grande do Sul.....	4558800	13,0008000
Ailsa Janson.....	Pernambuco.....	3,5318000	24,5008000
João Balso.....	Pará.....	1,4538000	12,0008000
Henrique Eulalio Gurjão.....	Pará.....	716460	5,7608000
Henrique Barbosa de Amorim.....	Manãos.....	4878080	4,8008000
Jacques Meyer (suicidio).....	Rio de Janeiro.....	2,7078900	21,6008000
Josiah White Way.....	Pernambuco.....	8298520	2,4008000
Florentino Telles de Menezes.....	Desterro.....	7588000	11,9138700
D. Emilia R. Moreira de Queiroz.....	Bahia.....	9718700	11,0308760
Thomaz Argemiro Ferreira Chaves.....	Desterro.....	2348960	8,9118900
			m/m
Eugenio Leiffer.....	S. Paulo.....	2,2268400	11,0008000
Dietrich von Grawert (suicidio).....	Pará.....	2,7298000	11,0008000
Ladislau de Almeida Cardoso.....	Pará.....	5,9108000	24,0008000
Felisberto José dos Santos Lisboa.....	Pará.....	8628400	5,0008000
João Gonçalves Ledo Junior.....	Pará.....	4,7688800	24,0008000
Jean Louis Seiler (suicidio).....	Rio de Janeiro.....	5118700	11,0008000
Antonio Navarro de Siqueira.....	Rio de Janeiro.....	1,4198000	11,0008000
Alexandre Ferreira Pinto.....	S. Francisco do Sul.....	1808000	5,5008000

A pagar, depois de serem approvados os competentes documentos de prova de morte:

R. J. KINSMAN BENJAMIN, GERENTE INTERINO